

Usos modalizadores de [de fato] e [na verdade] no século XXI: uma análise comparativa baseada no uso

Modalizing uses of [de fato] e [na verdade] in the 21st century: a comparative usage-based analysis

Alex Sandro Oliveira de Paulo¹
Caio Matheus Caldas Barbosa²
Deise Cristina de Moraes Pinto³

Resumo: Este estudo analisa comparativamente as construções adverbiais *de fato* e *na verdade* no português contemporâneo, com foco nas inferências discursivo-pragmáticas de seus usos como modalizadores epistêmicos que configuram subtipos de função. Adotamos os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), segundo a qual a língua se organiza em rede cuja arquitetura é sensível às intenções comunicativas, ao contexto interacional e a processos cognitivos gerais, como analogia, categorização e *chunking*. Coletamos 200 ocorrências de *na verdade* e 200 de *de fato* na aba “News on the Web”, do *Corpus* do Português, e as analisamos quanto às relações discursivo-pragmáticas que estabelecem entre informações no discurso. Os resultados indicam que cada construção apresenta um valor básico que se expande metaforicamente em subtipos distribuídos ao longo de um *continuum* que vai do polo mais objetivo ao mais subjetivo. Observamos que *na verdade* atua prototipicamente na retificação e atualização do discurso, revelando maior grau de subjetividade, e apresenta 10 subtipos, dos quais 4 foram descritos neste artigo. Já *de fato* tende a objetivar um ponto de vista previamente subjetivo, funcionando sobretudo como marcador de constatação, com maior grau de objetividade, e apresenta 4 subtipos. Assim, contribuímos para a compreensão das subespecializações de sentido desses modalizadores e das suas interações na rede linguística.

Palavras-chave: Adverbiais modalizadores. De fato. Na verdade. Constatação. Retificação.

Abstract: This study aims to comparatively analyze the adverbial constructions *de fato* and *na verdade* in contemporary Portuguese, focusing on the discursive-pragmatic inferences of their uses as epistemic modalizers that configure function subtypes. We adopt the theoretical and methodological assumptions of Usage-Based Linguistics, according to which language is organized as a network which is sensitive to communicative intentions, interactional context, and to the action of general cognitive processes such as analogy, categorization, and chunking. We collected 200 occurrences of *na verdade* and 200 of *de fato* from the “News on the Web” section of the *Corpus do Português* and analyzed them with regard to the discursive-pragmatic relations they establish between pieces of information in discourse. The results indicate that each construction presents a basic value that expands metaphorically into subtypes distributed along a *continuum* ranging from a more subjective to a more objective pole. We observed that *na verdade* prototypically operates in the rectification and updating of discourse, revealing a higher degree of subjectivity, and presents 10 additional subtypes, of which 4 were described. In contrast, *de fato* tends to objectify a previously subjective point of view, functioning primarily as a marker of assertion, with a higher degree of objectivity, and presents 4 subtypes. Thus, we contribute to the understanding of the subspecializations of meaning of these modalizers and their interactions within the linguistic network.

Keywords: Modal Adverbs. De fato. Na verdade. Assertion. Rectification.

¹ Mestrando na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes (CLA)/ Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN/UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: alexshore364@letras.ufri.br

² Mestrando na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes (CLA)/ Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN/UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: caiomatheus@letras.ufri.br

³ Professora Adjunta na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes (CLA)/ Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN/UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: deisemorae@letras.ufri.br

Introdução: entre o fato e a verdade

O dicionário Caldas Aulete define o substantivo *fato* como (i) “ato, feito, acontecimento, evento” e também como (ii) “o que é real ou verdadeiro”. Já o substantivo *verdade* é descrito como (i) “aquilo que corresponde à realidade” e (ii) “aquilo que é real ou verdadeiro”, compartilhando essa definição com a de *fato*. Assim, vemos que há limites muito estreitos entre os dois conceitos, e, no discurso comum, pode-se defender que *fatos* são *verdades*. Por exemplo, na ciência, nos baseamos em *fatos* da língua, os fenômenos observáveis, para alcançarmos alguma *verdade* sobre eles. É a partir dos fatos que chegamos à verdade, ou a alguma verdade. Mas nossas verdades também influenciam a nossa visão dos fatos, e por isso as colocamos à prova a todo o tempo, para que a ciência evolua. Assim, embora haja muitas semelhanças entre os dois termos, ainda há tensões semânticas que mostram que, mesmo que o fato seja verdade, *na verdade*, nem toda verdade é, *de fato*, fato.

As sutis e interessantes distinções entre as definições de *fato* e *verdade* também nos ajudam a compreender o funcionamento das construções adverbiais que têm esses nomes como núcleo lexical. Nesta pesquisa, propomos uma análise comparativa entre *de fato* e *na verdade* no português contemporâneo. Baseamo-nos na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e classificamos tais construções como modalizadoras epistêmicas, visto que, funcionalmente, elas avaliam e regulam o grau de conhecimento envolvido no enunciado, expressando a atitude do locutor perante ele (Castilho *et al.*, 2014; Castanheira; Cezario, 2017; Gonçalves; Moraes Pinto, 2022); além disso, formalmente, elas têm no escopo porções variadas do discurso, como orações, períodos, parágrafos ou discursos inteiros. Assim, elas se distinguem dos advérbios qualitativos e circunstanciais, que têm o verbo como escopo. Em seus usos, percebemos que cada construção confere ao enunciado um valor básico que se estende metaforicamente em uma gama de funções discursivo-pragmáticas, que variam no grau de contraste entre as informações articuladas e no grau de subjetividade que veiculam. Esta variação em grau será o foco deste artigo.

Na próxima seção, abordaremos algumas considerações básicas acerca do arcabouço teórico-metodológico em que se baseia esta pesquisa; em seguida, discorreremos sobre os resultados do estudo, descrevendo os subtipos discursivo-pragmáticos de cada construção e quantificando-os; então, os sistematizaremos

em dois *continua* que representam a flutuação nos graus de objetividade-subjetividade; e, por fim, refletiremos sobre suas relações na rede linguística e sobre as convergências e divergências em suas multifuncionalidades.

Fundamentação teórico-metodológica

Nossas análises fundamentam-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (Martelotta, 2014; Marques; Moraes Pinto, 2016; Furtado da Cunha; Cezario, 2023; Oliveira; Alonso, 2024, entre outros). Assim, conjugamos os postulados do Funcionalismo norte-americano e da Linguística Cognitiva, sobretudo a Gramática de Construções. Entendemos que o conhecimento linguístico é de natureza não específica e é representado por uma rede multidimensional, o *constructicon* (Hilpert, 2014; Diessel, 2019; 2023; Hoffmann, 2022), cujos “nós” são as construções: pareamentos de forma (características morfofonológicas e sintáticas) e sentido (características semânticas, pragmáticas e discursivas). As construções conectam-se, todas, por diversas relações: de forma, de significado, de herança, de familiaridade, por *priming*, dentre outras (cf. Diessel, 2019). Por isso, cada uso inovador parte de um uso concretizado e tem potencial para causar mudanças em toda a rede linguística, a depender da sua frequência, dos processos cognitivos envolvidos e de outros fatores. Assim, por ter natureza imprevisível, o sistema linguístico é considerado, na LFCU, um sistema adaptativo complexo (cf. Oliveira; Alonso, 2024).

No que toca a este estudo, temos que *na verdade* e *de fato* merecem uma análise comparativa por dois motivos: primeiro, por terem relação de familiaridade, sendo, ambas, construções cristalizadas e licenciadas pelo subesquema [Prep + SN]_{JAdv. Modaliz.} (que dá origem a outras construções como *com certeza*, *na realidade*, *de certo*, *no caso*, dentre outras); e, segundo, por ambas apresentarem funções epistêmicas semelhantes, atuando na objetivação de pontos de vista. Tratemos, então, das questões teóricas que guiam este estudo, que serão seguidas de considerações acerca da metodologia adotada.

O *constructicon*, esse inventário de construções, se (re)organiza a partir da exposição a usos linguísticos (*input*). O *input* é armazenado e processado no sistema linguístico dos falantes por meio da atuação de operações cognitivas de domínio geral (isto

é, que não são específicas da linguagem, estando presentes em todas as experiências dos seres humanos no mundo biopsicossocial). Dentre os processos mais relevantes para a nossa pesquisa, destacamos, nos termos de Bybee (2010): a categorização, capacidade de reconhecer padrões entre elementos do mundo biossocial e agrupá-los; o *chunking*, capacidade de processar sequências de unidades como um único bloco informacional cognitivo; a analogia, capacidade de criar novas construções e sentidos com base em construções já internalizadas; a memória rica, capacidade de estocar mentalmente detalhes da experiência no mundo; e a associação transmodal, capacidade de associar cognitivamente experiências de modalidades diferentes, como, por exemplo, a *forma* e a *função* de elementos.

Cabe destacar a noção de “rede aninhada” trazida por Diessel (2019), para quem os nós em um nível de análise são redes em um outro nível. Dessa forma, o conhecimento linguístico é essencialmente associativo, havendo *links* de diversas naturezas entre as construções. Postulamos que as aqui analisadas interagem com *links* de herança com o esquema construcional [Prep + SN]_{Adv}, que instancia outras construções adverbiais com preposição, sejam modalizadoras ou de outro tipo. Posto que há sempre relação de rede, pode-se argumentar que as construções em foco relacionam-se entre si por meio de *links* semânticos, desenhando-se uma rede; e também estabelecem *links* com os lexemas⁴ *fato* e *verdade*, surgindo como redes que os englobam. Daí justificam-se as reflexões anteriores acerca da semântica desses núcleos.

Articulando esse arcabouço teórico à análise de 200 ocorrências de cada construção, temos como objetivos: 1) identificar e descrever os subtipos discursivo-pragmáticos de *na verdade* e *de fato* na sincronia atual; 2) identificar os *continua* que se estabelecem a partir dessas categorizações de sentido; 3) investigar as relações entre as duas construções na rede linguística. Guiaram-nos as hipóteses de que a semelhança semântica entre os núcleos lexicais (*verdade* e *fato*) resultaria na semelhança entre seus comportamentos, por ambas as construções veicularem valores epistêmicos e atuarem sobre porções maiores do discurso; e de que as construções, apesar de não

⁴ Diessel (2019), ao tratar do modelo de rede aninhada, ressalta a diferença entre *lexemas* e *construções*. As últimas seriam padrões (*templates*) gramaticais, constituídas de mais de um elemento significativo com *slots* a serem preenchidos com *lexemas*, que são unidades morfofonológicas com um único elemento significativo. Os dois se relacionam por meio de relações de preenchimento de *slot*.

serem intercambiáveis na maioria dos casos, têm semelhanças nas suas especializações de sentido, configurando o que chamaremos de amplitude pragmática⁵: a capacidade de uma construção de modular diferentes tipos de alinhamento de perspectivas e comprometimento epistêmico, conforme as demandas da interação.

Ambas as construções são amplamente utilizadas nos mais diversos domínios e gêneros discursivos, com predominância na linguagem oral coloquial, mas também nas linguagens oral formal, escrita formal e informal. Os dados coletados foram retirados da aba “*News on the Web*” do *Corpus* do Português, na qual encontramos trechos de entrevistas jornalísticas, reportagens, artigos de opinião, depoimentos, artigos acadêmicos e até mesmo horóscopos. Além disso, incluem-se, nesse *corpus*, comentários de leitores de notícias, que são textos, em geral, menos formais. Assim, temos um escopo amplo do funcionamento dessas construções e por isso tencionamos, na análise, refletir brevemente sobre a natureza dos dados, a fim de entendermos como seus contextos influenciam na identificação dos subtipos discursivo-pragmáticos. Isso, contudo, não foi contabilizado como fator.

Analisamos os dados com base nas funções discursivo-pragmáticas veiculadas pelas construções, atentando-nos a como elas partem de seus valores discursivo-pragmáticos básicos (constatação e retificação) para veicular novos. Por fim, este é um estudo predominantemente qualitativo, apoiando-se na quantificação para atestar tendências.

Uma breve categorização

Na tradição gramatical, os advérbios são descritos genericamente como elementos que modificam verbos, adjetivos e outros advérbios, denotando circunstância (Moraes Pinto; Castanheira, 2024). Isso é reflexo da dificuldade em categorizar essas construções. Por isso, aqui ecoamos a concepção de Martelotta (2012), segundo a qual os adverbiais formam uma categoria heterogênea, não discreta e acomodam-se às necessidades

⁵ Pegamos emprestado o termo “amplitude” do domínio da Geografia, que trata como “amplitude térmica” a diferença entre a temperatura máxima (contraste) e mínima (harmonia) registrada em um lugar durante um período.

discursivas, podendo desenvolver novos sentidos/funções e modificar também outros elementos que não os previstos pela tradição gramatical.

Temos que, como resultado de frequentes adaptações às necessidades discursivas, adverbiais que outrora exerciam funções mais denotativas (os qualitativos), passaram a exercer funções mais pragmáticas na língua. Assim, passaram a coexistir adverbiais qualitativos e modalizadores. Os primeiros são aqueles que denotam noções de modo ao verbo, e por isso figuram canonicamente próximos a ele (seguindo o subprincípio da proximidade de Givón, 1984); eles têm maior composicionalidade, visto que seu significado pode ser previsto a partir da “soma” dos significados de suas partes — sejam a base adjetiva e o sufixo *-mente*, como em *cuidadosamente*, sejam a preposição e o SN, como em *com a faca*. Eles se diferenciam dos modalizadores em diversos aspectos.

Castilho *et al.* (2014) afirmam que “a modalização é uma avaliação sobre o *dictum* da sentença e ocorre à medida que o falante assume diferentes graus de comprometimento com o valor de verdade desse *dictum*, ou expressa a seu respeito uma atitude ou reação psicológica.” (p. 284). Sendo assim, ainda seguindo o subprincípio da proximidade, os modalizadores são itens que atuam sobre porções inteiras do enunciado, podendo ser orações, períodos, parágrafos e outros. E são, ainda, menos composicionais, visto que o significado de suas partes não corresponde ao conteúdo total. No caso de *na verdade*, por exemplo, a preposição *na* denota lugar, e, em seus usos modalizadores, não há essa projeção. Quanto à sua função, Castilho *et al.* (2014) os dividem em i) epistêmicos de necessidade/certeza; ii) epistêmicos de possibilidade; iii) deônticos; iv) atitudinais subjetivos; e v) atitudinais intersubjetivos. Moraes Pinto; Gonçalves (2019) estudaram modalizadores com preposição, licenciados pelo subesquema [Prep + SN]_{Mod}, e constataram que alguns deles apresentam usos epistêmicos. Por isso, classificamos as construções em foco como *modalizadores epistêmicos*.

No que tange a especialização de sentidos nos usos desses modalizadores, adaptamos a proposta de Castanheira (2017)⁶ considerando que os modalizadores epistêmicos, como categoria, se encontram no meio de um *continuum* de objetividade-subjetividade — sendo os *hedges* (*politicamente*), os mais objetivos e os

⁶ Na proposta de Castanheira (2017), os modalizadores epistêmicos encontram-se no *continuum* de subjetividade.

modalizadores “afetivos” (*lamentavelmente*) os mais subjetivos. Ainda que os epistêmicos ocupem essa posição medial, postulamos que, diante da diversidade de subtipos que apresentam, as construções variam também nos seus graus de objetividade-subjetividade.

Em relação à subjetividade, nos alinhamos aqui a Traugott (2010), compreendendo que os usos linguísticos mais subjetivos são aqueles em que o papel do falante como *observador* é central, enquanto seu papel como *objeto* é mínimo, isto é, aqueles em que o falante tem papel mais explícito no *construal*. Nesse sentido, aqueles usos que não são subjetivos são mais objetivos, pois o papel do falante como observador, ou “construtor” da realidade linguística, é minimizado. Isso será relevante ao categorizarmos os subtipos como mais subjetivos ou mais objetivos.

Os subtipos discursivo-pragmáticos

Conforme dito anteriormente, as construções *de fato* e *na verdade* apresentam seus respectivos valores discursivo-pragmáticos básicos, a partir dos quais surgem outros, através de extensões metafóricas. Em *de fato*, esse valor é o de **constatação**: nessas ocorrências, ao utilizar a construção, o falante confere noção de objetividade à porção do discurso que era, anteriormente, subjetiva e, por isso, questionável. Já com *na verdade*, esse valor é o de **retificação**: nesses usos, o falante tenciona atualizar uma porção do discurso anterior, dada alguma imprecisão, também conferindo ao novo enunciado alguma noção de objetividade por imprimir a ele um valor de verdade.

A partir dessas noções veiculadas pelas duas construções, surgem outras funções mais restritas a contextos específicos, mas frequentes o bastante para serem categorizadas. Classificamo-nas como discursivo-pragmáticas, pois atuam de duas formas: discursivamente, ao operarem na conceptualização, organização e na progressão argumentativa do texto; e pragmaticamente, ao operarem nas inferências e na interpretação contextual e da perspectiva dos enunciados. Postulamos que essas novas funções, surgidas por extensões metafóricas dos valores básicos de *retificação* e de *constatação*, organizam-se num *continuum* cujos polos constituem-se das relações de contrastividade entre as proposições modalizadas por essas construções. Articulamos essas noções a fim de chegar às categorizações explicitadas nas subseções seguintes.

Sobre *de fato*

Inicialmente, todos os usos de [*de fato*]_{Adv. Modaliz.} estavam ancorados na noção de validação do discurso em relação aos fatos. No entanto, notamos que há usos em que a construção é recrutada, também, para enfatizar opiniões e informações, saindo de usos objetivos para usos subjetivos, a partir de um processo de especialização de sentidos. Na análise de dados, trataremos de descrever o subtipo de constatação, que é mais prototípico e veicula noções de objetividade entre as informações, e os outros sentidos que surgem como extensão, diferindo em seus graus de subjetividade.

i. constatação

Categorizamos como usos de constatação aqueles em que *de fato* é usado para objetivar o discurso. Entendemos que esses usos são os mais prototípicos em relação à postulação de Castilho (2010) acerca dos modalizadores asseverativos, de que eles “expressam uma avaliação sobre o valor de verdade da sentença, cujo conteúdo o falante apresenta como uma afirmação ou uma negação que não dão margem a dúvidas” (p. 555). Dessa maneira, ao utilizar *de fato* com esse sentido, o locutor/escritor acredita que o seu discurso se aproxima de uma verdade absoluta, visto que os eventos descritos nele podem ser entendidos como incontestáveis, uma vez que são baseados em situações concretas e facilmente observáveis, como em:

- (1) De acordo com a tradição católica, Jesus deu a São Pedro a missão de ser líder da Igreja. Depois de três anos seguindo Jesus, Pedro se tornou um grande líder, um apóstolo, palavra que quer dizer enviado. Pedro reunia multidões em suas pregações. Ele tinha o dom da cura de tal forma que as pessoas queriam tocar em seu manto, ou passar sob sua sombra para que fossem curados e libertados. Sua autoridade como o líder da Igreja nascente sempre foi respeitada e atestada por vários documentos da Igreja. Nunca foi questionada. **De fato**, São Pedro assumiu as chaves da Igreja e seus sucessores, os Papas, são continuadores de sua autoridade e de sua missão dada pelo próprio Jesus Cristo. Por pregar o Evangelho destemidamente, São Pedro foi preso várias vezes. No momento de sua morte, São Pedro pediu para ser crucificado de cabeça para baixo, por não se julgar digno de morrer como seu Mestre (*Corpus do Português*. Grifo nosso)⁷.

⁷ Disponível em: <https://odia.ig.com.br/duque-de-caxias/2019/06/5658438-igreja-em-caxias-tem-programacao-especial-para-dia-de-sao-pedro.html>.

O dado 1 refere-se a uma matéria do jornal O Dia sobre a programação de uma igreja em Duque de Caxias (RJ) para o dia de São Pedro. Para explicar a importância do santo para a Igreja Católica, o escrevente retoma um contexto bíblico, argumentando que São Pedro era um fiel seguidor de Jesus Cristo e, após se tornar um apóstolo, recebeu a missão de ser líder da Igreja. Nota-se que, aqui, o uso de *de fato* atua como um recurso de modalização com valor de constatação, na medida em que reforça a veracidade das informações que antes estão sendo transmitidas. Ao dizer que “*De fato*, São Pedro assumiu as chaves da igreja (...)”, o autor da reportagem não apenas introduz um conteúdo informativo, mas, sim, o apresenta como uma verdade já estabelecida, conferindo maior autoridade ao discurso construído. Percebe-se, portanto, que ele se apoia em um conjunto de conhecimentos válidos (dentro da fé católica) para construir a sua argumentação e, assim, dificultar uma possível objeção por parte do seu interlocutor. Não se pode contestar a existência de São Pedro e de suas funções dentro do ambiente cristão, uma vez que ela é respaldada por evidências históricas e relatos universais.

ii. ênfase

Schwenter e Traugott (2000) apontam para a possibilidade de, em alguns contextos comunicativos, certos modalizadores epistêmicos passarem a focalizar determinadas porções do discurso. Dessa forma, a ênfase não é utilizada para se referir a um fato, mas, sim, para destacar uma informação ou uma opinião considerada relevante para a construção argumentativa do falante. Ao juntar-se a termos mais subjetivos, esse valor pragmático realça percepções pessoais sobre a realidade que o cerca, fazendo com que o falante confira um valor de verdade ao conteúdo compartilhado, baseando-se, exclusivamente, na sua própria perspectiva sobre o assunto. Vejamos:

- (2) O usuário do Reddit “beaston02” tinha em mente desvendar se o armazenamento ilimitado vendido pelo Amazon Drive era, de fato, ilimitado. Para tal, optou por encher a nuvem com conteúdos pornográficos, em um projeto chamado o “Petabyte Porn Project”. E seu empenho durante seis meses trouxe a constatação de que a empresa estadunidense de fato não cumpria com o que prometia. # Após seis meses, “beaston02” descobriu que ele tinha 1,8 petabytes de limite para armazenamento (o que significa cerca de 2 milhões de gigabytes). No total, ele enviou 10,6 TB de fotos, 3,9 TB

de arquivos e 1.011 TB de vídeos. Tudo, simplesmente tudo, era pornografia (*Corpus do Português*. Grifo nosso)⁸.

O dado 2 refere-se a uma reportagem do jornal O Tempo sobre um usuário do Reddit, o “beaston02”, que queria averiguar se “o armazenamento ilimitado vendido pela Amazon Drive era, *de fato*, ilimitado”. Nota-se que aqui, ao utilizar a construção, o escrevente não está introduzindo uma constatação baseada em evidências previamente observáveis, mas, sim, está intensificando a dúvida do Redditor. Nessa perspectiva, *de fato*, nesse contexto, tem a função de um articulador argumentativo, enfatizando o contraste implícito entre o que é prometido (o armazenamento “ilimitado”) e a necessidade de verificação se isso se sustenta na prática, auxiliando na criação de uma hipótese a respeito da confiabilidade da marca do produto. Mais do que isso, *de fato*, nessa ocorrência, destaca a subjetividade do autor, uma vez que prioriza sua perspectiva em relação ao assunto, contribuindo, assim, para orientar a interpretação de possíveis leitores da matéria.

iii. concordância

Paradoxalmente aos sentidos de constatação e de ênfase, que tendem a ser recrutados em falas retóricas, a concordância ocorre exclusivamente em contextos dialógicos, ressaltando, dessa forma, o caráter intersubjetivo (Verhagen, 2005) de *de fato* através desse valor discursivo-pragmático. Dessa forma, o falante deposita um certo grau de atenção no conteúdo proposicional expresso pelo seu interlocutor e, ao utilizar a construção, ele se coloca de acordo com o que foi dito pelo outro. Nota-se que aqui, também, o tipo de informação a que o modalizador se liga é a opinião, ou seja, um ponto de vista totalmente individual e que não precisa, necessariamente, ser colocado à prova. Assim, os participantes daquela mesma situação comunicativa entram em concordância sobre um mesmo assunto, acrescentando algumas noções do porquê consideram que tal dito é válido e relevante. Vejamos:

⁸ Disponível em: <https://www.otempo.com.br/interessa/bizarrices/homem-desmente-amazon-drive-enchendo-nuvem-com-1-8-petabytes-de-pornografia-1.2202090>.

- (3) #A manchete da análise de Raul Juste Lores sobre o Plano Diretor, publicada na Folha em 01/07/2014, foi precisa: "Lei desfaz erros cometidos no século 20, mas não bastam boas intenções no papel". De fato, de nada adiantaria adotar diretrizes corretas, ganhar prêmios internacionais, como o recebido da ONU-Habitat, se não gerasse resultados (*Corpus* do Português. Grifo nosso)⁹.

Em (3), o dado refere-se a uma matéria de Nabil Bonduki, da “Folha de São Paulo”, sobre os desafios para a redução das desigualdades urbanas na cidade de São Paulo. Raul Lores, um jornalista do Portal de Notícias UOL, diz que muitos dos erros cometidos no século XX foram desfeitos pela lei, mas, na prática, essas boas intenções governamentais não entraram em vigor. Bonduki, ao utilizar *de fato*, se coloca de acordo com a opinião de Lores, adicionando uma gama de informações que respaldam o seu posicionamento ao alegar que “De fato, de nada adiantaria adotar diretrizes corretas (...) se não gerasse resultados”. Percebemos que tal opinião foi bem recebida porque é condizente com o que o redator da Folha pensa a respeito do assunto, criando, assim, um ambiente harmônico entre ambos.

iv. confirmação

De maneira análoga ao sentido de concordância, a confirmação, também, ocorre apenas em contextos dialógicos. No entanto, no que se diz respeito ao tipo de conteúdo com o qual esse valor se relaciona, podemos dizer que a confirmação não é empregada para dirigir-se a uma opinião, mas, sim, a um fato concreto e que seja passível de verificação pelos interlocutores. Amaro (2018), ao propor uma diferenciação entre fato e opinião, argumenta que “fato” refere-se a uma informação de caráter mais objetivo (embora nem sempre ele seja neutro ou incontestável), enquanto “opinião” está relacionada à subjetividade do falante, demonstrando a sua capacidade de julgar/avaliar aquela informação. Assim, o interlocutor questiona o falante sobre algo que ele tenha conhecimento, ao passo em que ele usa a construção para confirmar aquele questionamento, sanando eventuais dúvidas que possam ter existido sobre o assunto. Vejamos:

⁹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/columnas/nabil-bonduki/2019/07/o-desafio-urbano-de-sao-paulo-e-reduzir-as-desigualdades.shtml>.

- (4) MidiaNews - Recentemente, conversas entre o ministro Sérgio Moro, à época juiz federal, com o procurador da República Deltan Dallagnol foram vazadas pelo jornal The Intercept Brasil. Como o senhor viu o caso? Essas conversas ocorrem entre juízes e membros do Ministério Público? Domingos Sávio - É absolutamente natural. Muitos se indagam: "Então é certo que acontecem essas conversas com os advogados também?" De fato acontecem. Acontece de o juiz receber o advogado para fazer uma consulta preliminar apresentando um fato e o juiz se antecipar e dizer: "isso daí não tem procedência" (*Corpus* do Português. Grifo nosso)¹⁰.

O dado 4 refere-se a uma entrevista com o deputado federal Domingos Sávio para o Mídia News. Quando questionado sobre as conversas vazadas entre o ministro Sérgio Moro e o ex-deputado federal Deltan Dallagnol, ele responde que esse tipo de contato prévio entre juízes e membros do Ministério Público é normal. Após o dito, o político diz que muitas pessoas se perguntam se é comum, também, tal proximidade ocorrer entre juízes e advogados. Ao utilizar a construção, o entrevistado confirma essa informação, visto que essas consultas antecipadas “*De fato acontecem*”, sendo tidas como algo “preliminar”. Nota-se que, aqui, *de fato* está ligado diretamente a um fato: o de que essas interações anteriores entre juízes e advogados ocorrem, e não com uma opinião, tal como no dado (3) em relação à concordância.

Sobre *na verdade*

Em comparação com *de fato*, a locução *na verdade* apresentou menor frequência de ocorrência no *Corpus* do Português, com um total de 16.424 dados contra 56.005 de *de fato*. Apesar disso, a frequência *type* da construção se mostrou maior: foram identificados, no total, 10 subtipos de *na verdade*. No entanto, neste artigo, atemo-nos a descrever e quantificar apenas os 4 que melhor representam as gradações de objetividade-subjetividade e assim melhor se comparam aos usos de *de fato*.

i. retificação

Entendemos que *na verdade* tem o papel discursivo básico de retificar uma informação do discurso. Esse movimento pode licenciar diversos outros sentidos através da

¹⁰ Disponível em: <https://www.midianews.com.br/entrevista-da-semana/nao-vejo-intimidacao-na-forma-em-que-o-projeto-foi-aprovado/353958>.

construção, a depender da intenção comunicativa. O dado (1) é um exemplo de uso em que essa retificação não é sobreposta por nenhuma outra intenção discursivo-pragmática:

- (1) Porém o presidente está de olho em uma nova aeronave. Na verdade, algumas. O contrato com a Sikorsky inclui seis unidades (...)” (*Corpus* do Português. Grifo nosso)¹¹.

O primeiro período conceptualiza uma cena em que há *uma* aeronave sob o interesse do presidente. Depois, com a porção introduzida por *na verdade*, há uma atualização dessa cena, agora com mais de uma aeronave. Há, nesses usos, negação parcial do estatuto de verdade da declaração anterior. O dado é uma matéria jornalística sobre os interesses do atual presidente dos EUA. Há, inerente a esse tipo de texto, uma preocupação com sua estruturação: uma informação deve antecipar a outra, deve-se capturar a atenção do leitor, manter-se relevante etc. Assim, é uma escolha estilística utilizar *na verdade*, marcando o processo de elaboração do discurso. Tais marcas de elaboração são mais comuns no registro oral. Sendo assim, *na verdade* está auxiliando na progressão de informações. Funcionalmente, a construção atualiza a porção discursiva anterior, introduzindo a informação correta. Essa atualização, por sua vez, avalia porções do discurso: a informação que antecede a construção está errada, desatualizada ou imprecisa, e a que a sucede é mais coerente com a realidade. Defendemos que este seja o uso mais prototípico de *na verdade*, que atua como *modalizador epistêmico de retificação*. Esses usos são mais subjetivos, em geral, pois acrescentam informações tidas como relevantes pelo falante/escrevente numa ordem que satisfaça suas próprias necessidades. Assim, a figura do autor se encontra mais proeminente no discurso.

ii. oposição

Nos deparamos com usos em que, a partir do sentido de retificação, a construção estabelece relações de contrariedade entre as proposições. É o que acontece em (2):

- (2) As eleições nacionais no próximo mês dão ao Brasil a chance de começar de novo. No entanto, se tudo parece possível, a vitória vai para Jair Bolsonaro, para populistas de direita, eles correm o risco de tornar tudo pior. Sr. Bolsonaro, cujo nome do meio é

¹¹ Disponível em: <https://revistaautoesporte.globo.com/Noticias/noticia/2019/06/o-novo-helicoptero-do-donald-trump-e-uma-limusine-aerea.html>.

Messias, ou “Messias”, promete a salvação; Na verdade, sou uma ameaça para o Brasil e para a América Latina (*Corpus* do Português, Diário Centro do Mundo)¹².

Nessa ocorrência, notamos que há um vínculo de antonímia entre “salvação” e “ameaça”, o que realça o contraste entre os enunciados. O valor discursivo-pragmático de oposição é marcado, acima de tudo, com base em associações semânticas depreendidas por itens presentes no (co)texto, conforme indica o dado (2). O contexto constrói uma imagem do político que vai influenciar na eleição iminente à época: Jair Bolsonaro, tido como “Messias” (isto é, como salvador prometido) para algumas pessoas. No entanto, nota-se que a oração anterior com verbo *prometer* junto de *na verdade* estabelece uma tensão entre expectativa e realidade, visto que ele era, “*na verdade*, uma ameaça para o Brasil e para a América Latina”. Nesse caso, não apenas a expectativa não se realizou, como teve seu oposto concretizado. Esses usos são tidos como menos subjetivos, pois se ancoram no contraste entre a expectativa e a realidade objetiva, que já é conhecida, e não construída, pelo falante/escrevente.

iii. corroboração

Há ocorrências que revelam um possível “desbotamento semântico” (Melo; Barbosa, 2018) de *na verdade*. Dessa forma, a construção auxilia na introdução de informações que, em vez de serem contrastadas posteriormente, reforçam o dito da proposição anterior, conferindo a elas noção de objetividade e harmonizando o conteúdo de ambas as orações. Vejamos:

- (3) Promessas quebradas # Na realidade, muitas pessoas vão perceber, depois de um determinado tempo, que o chefe vai deixar de cumprir as promessas iniciais. Na verdade, cerca de 55% de os funcionários relatam que o chefe quebrou as promessas em os primeiros dois anos de emprego e 65% dizem ter tido uma promessa quebrada em o último ano (*Corpus* do Português, Notícias ao Minuto).

No dado (3), observamos que as informações contidas no primeiro período são ideias totalmente abstratas através de expressões como: *muitas pessoas* e *promessas iniciais*. Por outro lado, o segundo, introduzido por *na verdade*, auxilia na ratificação do

¹² Disponível em: https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/revista-economist-detona-bolsonaro-e-o-chama-de-ultima-ameaca-da-america-latina/#google_vignette.

conteúdo anterior, apresentando fontes concretas para corroborá-lo, visto que “*Na verdade*, cerca de 55% dos funcionários relatam que o chefe quebrou as promessas (...)”. Tais usos estão mais próximos do polo da objetividade, uma vez que se ancoram em dados factuais, atestados, para a validação de discursos mais subjetivos. Assim, no segundo período, a retificação é tida apenas como um “pano de fundo” para trazer uma perspectiva mais objetiva e detalhada que o primeiro.

iv. adição

Nos usos de retificação, percebemos que a informação introduzida por *na verdade* apresenta, em geral, alguma dependência semântica em relação à primeira. Contudo, tal dependência semântica é variável, apresentando gradações. Identificamos usos em que essa dependência entre as proposições é tão fraca que não é possível identificar com precisão a informação retificada, por estar no campo da inferência e da pressuposição. Vejamos no dado abaixo:

- (4) [...] em o começo, nós estávamos indo para manter o cabelo curto, mas ela era como, 'Você sabe, seria muito interessante ter- la crescer o cabelo longo.' Há uma história por trás de o porquê Carol tem cabelo curto, e na verdade, temos uma cena que fala sobre isso em algum momento de a temporada ", explicou Kang (*Corpus do Português*, Tv e Brasil).

Em (4), o valor retificador da construção é usado como pano de fundo para adicionar uma informação relevante. O dado se trata de uma entrevista em que os entrevistados falam sobre o processo de criação e produção de um filme. Assim, os espectadores esperam que haja uma exposição das curiosidades sobre seu trabalho. O interlocutor não sabia da informação de que havia uma cena que fala sobre a história por trás do cabelo curto da personagem, e não foi proposto, antes, que a cena não existisse. Sendo assim, *na verdade* é utilizada de maneira similar a outras expressões aditivas como *inclusive* ou *aliás*, que introduzem informações novas, ainda que não contrastantes. A partir dessas relações de adição, projetam-se relações de surpresa, revelação, novidade (dentre outras), mas que não configuram subtipos discursivo-pragmáticos. Temos que esses usos são mais subjetivos, pois, apesar de trazerem informações objetivas, ancoram-se no

conhecimento subjetivo dos falantes/escreventes e na sua percepção daquilo que é interessante ou relevante.

Distribuição dos subtipos discursivo-pragmáticos

A tabela abaixo expõe os resultados quantitativos dos subtipos de cada construção apresentados nas seções anteriores. Em seguida, traçaremos considerações acerca desses quantitativos e de como eles corroboram ou reconduzem as hipóteses que norteiam a pesquisa.

Tabela 1: Distribuição dos valores discursivo-pragmáticos de *de fato* no *corpus*

TYPES	CONSTAT.	ÊNFASE	CONCORD.	CONFIRM.	TOTAL
TOKENS	80 (40,0%)	112 (56,0%)	6 (3,0%)	2 (1,0%)	200 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

No que diz respeito à diversidade funcional de *de fato*, percebemos que, embora o seu valor básico seja o de constatação¹³, o sentido de ênfase¹⁴, no século XXI, é o mais frequente. Tal questão indica que *de fato* deixou de atuar apenas como um modalizador epistêmico asseverativo para desempenhar, também, funções textuais, realçando informações tidas como mais importantes dentro do discurso para o falante/escrevente e, assim, orientando a interpretação do interlocutor/leitor. Nessa perspectiva, evidencia-se uma possível migração de sentido do polo objetivo (40,0%), relacionado à veracidade dos fatos, para o polo subjetivo (56,0%), que é mais opinativo e argumentativo. Isso sugere,

¹³ Em Paulo (2025), foram encontrados, através da aba “Gênero/Histórico” do *Corpus* do Português, dados de *de facto* como modalizador epistêmico entre os séculos XIV-XVIII. Tais usos, embora relativamente baixos em termos de frequência (5 ao todo), veiculavam a ideia de constatação de fatos, como em: “Os governadores seculares e eclesiásticos da Índia resistiram sempre aos bispos mandados pela Propaganda, e *de facto* tornaram a embarcar e mandar para Europa alguns deles, um dos quais se acha hoje em Roma” (Cartas, Padre Antônio Vieira, 1612-1692, *Corpus* do Português. Grifo nosso). Outros subtipos, como a ênfase, a concordância e a confirmação, apenas foram registrados, no mesmo *corpus*, no século XIX.

¹⁴ O sentido de ênfase, diacronicamente, sempre competiu com o de constatação desde o seu primeiro registro no *corpus*. Os achados de Paulo (2025) demonstram que, no século XIX, a ênfase figurou em 22,5% dos dados com *de facto*, enquanto a constatação alcançou 74,5%. Embora haja uma diferença brusca entre os números, no século XX, a ênfase marcou 36% dos casos, ao passo que a constatação sofreu uma queda entre um século e outro, atingindo 50,5% dos dados analisados. Até que, no século XXI, a ênfase (56%) se torna mais frequente do que a constatação (40%).

ainda, uma flutuação na composicionalidade de *de fato*, visto que, nos últimos casos, perde-se a relação com a factualidade, isto é, com “aquilo que é real, verdadeiro” (de acordo com o Aulete Digital) e, portanto, a referencialidade com o núcleo lexical *fato*.

Vejamos, agora, a tabela sobre *na verdade*:

Tabela 2: Distribuição dos valores discursivo-pragmáticos de *na verdade* no *corpus*

TYPES	RETIF.	OPOS.	CORROB.	ADIÇÃO	OUTROS ¹⁵	TOTAL
TOKENS	36 (18,0%)	19 (9,5%)	16 (8,0%)	32 (16,0%)	97 (48,5%)	200 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

Quanto a *na verdade*, os resultados obtidos nos mostram que os valores mais frequentes no *corpus* (e dentro do recorte deste artigo) são os de retificação (18,0%) e adição (16,0%). Tais números ratificam a hipótese de que esses dois subtipos operam em conjunto: para retificar uma informação (função básica da construção), adiciona-se outra; ao passo que, ao adicionar uma informação, infere-se uma retificação, pois avalia-se negativamente o conteúdo expresso na porção discursiva anterior. Essa concomitância de sentidos justifica a “competição” quantitativa desses usos. A alta produtividade desses subtipos também demonstra o valor subjetivo dessa construção.

Dessa maneira, assim como em *de fato*, percebe-se uma perda de composicionalidade da construção, visto que não é possível se chegar em seu valor básico (e nenhum outro subtipo) apenas baseando-se na referencialidade de seu núcleo lexical “verdade”.

As altas frequências *token*¹⁶ e *type* comprovam que ambas as construções são utilizadas em diversos contextos comunicativos, uma vez que se especializaram para atender às necessidades comunicativas dos falantes da língua. Consoante aos fatores aqui

¹⁵ Encontramos, no total, 11 subtipos discursivo-pragmáticos de *na verdade*. Conforme explicado na metodologia, nos restringimos aqui a descrever 4 deles para fins de comparação com os usos de *de fato*. Os outros subtipos e suas quantidades são: especificação (10); reformulação (5); agravamento (15); atenuação (11); contraexpectativa (20); explicação (24); conclusão (12). Para mais informações acerca deles, cf. o trabalho monográfico de Caldas Barbosa (2025).

¹⁶ Na aba *News on the Web* do *Corpus* do Português, *de fato* registra 56.005 ocorrências, enquanto *na verdade* “apenas” 16.424.

selecionados, podemos identificar flutuações do grau de objetividade-subjetividade que as locuções veiculam às suas proposições. Para além deles, é possível observar gradações em relação à composicionalidade das locuções, com os usos mais subjetivos tendo menor composicionalidade que os objetivos, dado o distanciamento do significado referencial dos núcleos lexicais *verdade* e *fato*.

Quanto às particularidades de cada construção, notamos que *na verdade* também apresenta gradações em relação ao contraste entre as informações que articula. Por exemplo, enquanto os usos de oposição apresentam relações antonímicas entre as conceptualizações e os itens lexicais de cada porção discursiva (anterior e posterior à construção, na ordenação canônica [D1 *na verdade* D2]), os usos de corroboração apresentam harmonia entre as duas porções. O mesmo não é visto em *de fato*, dado que seus usos visam, em geral, harmonizar as proposições.

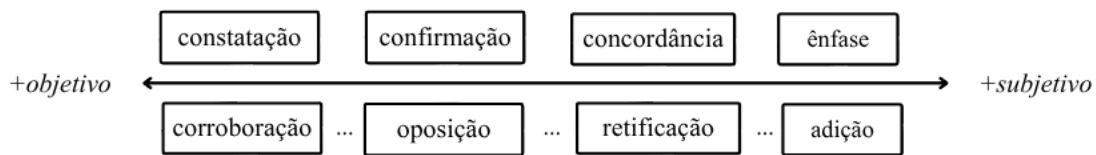
Dessa forma, as representações das interações entre as duas construções, em termos de *continuum* e de organização em rede, serão tratadas na próxima seção.

Continua e rede de relações

Apesar de ambas as construções terem como base núcleos lexicais que denotam mais factualidade, identificamos particularidades semânticas em relação à forma como essa factualidade se dá: *na verdade* veicula sentidos mais subjetivos, tendo mais ocorrências de retificação e adição, que salientam a figura do falante/escrevente; já *de fato* é menos subjetivo, avaliando a coerência entre o discurso e a realidade nos usos de constatação, mas também frequentemente salientando a subjetividade do discurso nos usos de ênfase.

Agora, atentemo-nos para os traços em comum entre as duas. Conforme dito, *fato* é aquilo que é verdade; enquanto *verdade* é aquilo que corresponde aos fatos. Os usos das construções servem para avaliar os discursos em relação à sua coerência com a realidade. Muitas vezes, contudo, tal avaliação se dá de modo subjetivo, trazendo-se pontos de vista e informações julgadas relevantes. Sendo assim é possível traçar um *continuum* de objetividade-subjetividade relacionado aos subtipos discursivo-pragmáticos de cada construção.

Figura 1: *Continua discursivo-pragmáticos de de fato e na verdade em relação a objetividade-subjetividade*

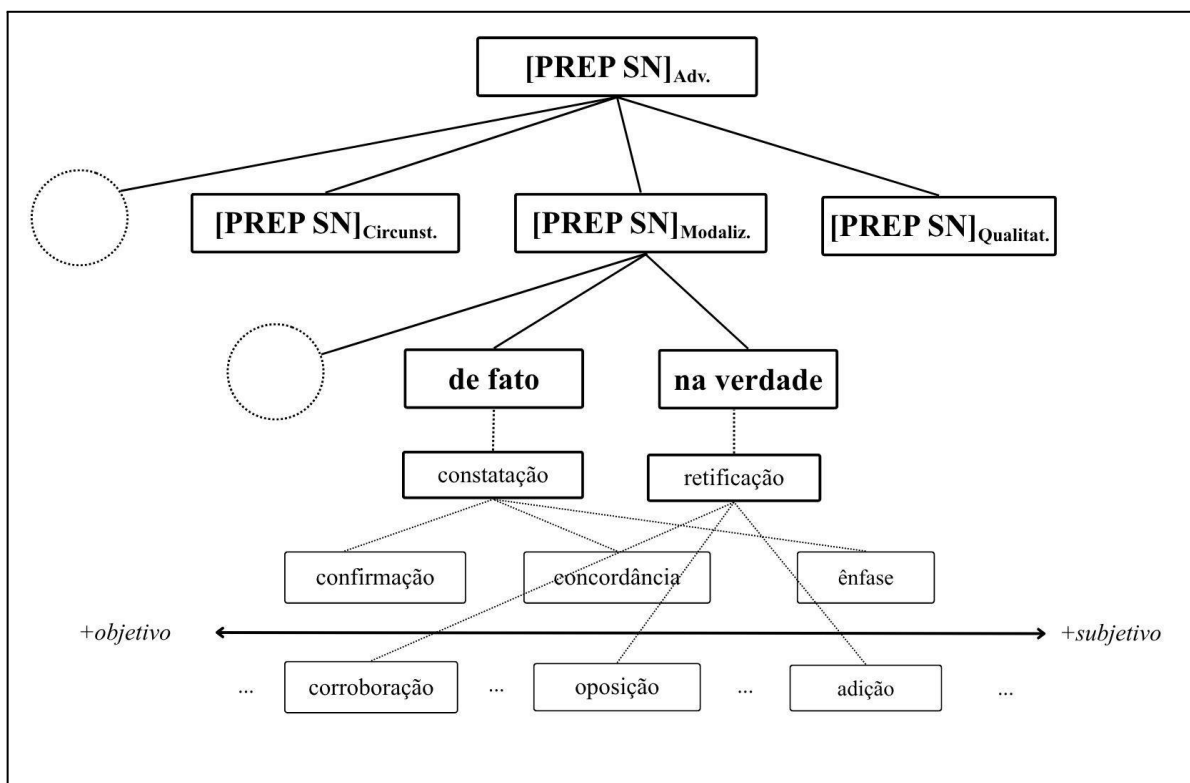


Fonte: Elaboração própria.

No polo esquerdo, situam-se os valores mais objetivos, de corroboração e oposição. O primeiro traz informações factuais que atestam a veracidade do discurso anterior; o segundo, por sua vez, avalia o discurso anterior com uma conceptualização contrária ancorada na realidade, estabelecendo contraste entre o domínio discursivo e o domínio factual. Esses usos se opõem aos mais subjetivos, de adição e retificação e ênfase e concordância. Esses são tidos assim porque veiculam uma postura do falante em relação à proposição anterior e à nova. No caso de *na verdade*, os usos de adição ressaltam a subjetividade ao avaliarem o estado epistêmico (isto é, o inventário de conhecimentos dos interlocutores) anterior como inválido ou incompleto, trazendo informações novas, subjetivamente avaliadas como relevantes; já os usos de retificação avaliam o estado do *dictum*, trazendo, também, novas informações subjetivamente avaliadas como relevantes.

Já dentre os usos de *de fato*, os de ênfase e concordância situam-se no polo subjetivo, pois são subtipos que se ancoram em opiniões, sendo usados em contextos argumentativos, ora trazendo foco às informações tidas como mais importantes para a argumentação ora alinhando dois discursos subjetivos. Os usos de confirmação e constatação, por outro lado, ancoram-se em informações factuais para validar o *dictum*, assim como os usos de corroboração e oposição de *na verdade*. Dessa forma, embora partam de valores básicos distintos, ambas as locuções participam de um mesmo eixo gradiente de objetividade-subjetividade, articulando, por diferentes meios, posicionamentos epistêmicos e argumentos.

Dito isso, podemos representar a relação em rede dessas construções, levando em conta seus aspectos formais e funcionais, do seguinte modo:

Figura 2: Relações em rede entre *na verdade*, *de fato* e seus esquemas construcionais

Fonte: Elaboração própria.

As linhas retas representam relações hierárquicas na rede, designando também as relações de familiaridade entre as construções de mesmo nível esquemático. Sendo assim, no nível mais alto temos o esquema que instancia as locuções adverbiais. Imediatamente abaixo, temos os subesquemas que licenciam os tipos adverbiais específicos (circunstanciais - como em *Morrer [na casa]*; qualitativos - como em *cortar [com a faca]*; modalizadores; dentre outros representados pelo círculo pontilhado). Todas as instâncias dos esquemas interagem entre si em termos de sentido. As construções *de fato* e *na verdade*, assim, são instâncias do subesquema $[Prep + SN]_{Mod}$, compartilhando uma relação de familiaridade com outras construções como *com certeza*, *de certo*, *na realidade* — também representadas pelo círculo pontilhado. Os níveis inferiores representam as relações de sentido encontradas nos construtos dessas construções. Logo abaixo de *na verdade* e de *de fato*, têm-se seus sentidos mais básicos, de retificação e constatação; e abaixo deles, suas extensões de sentido, que, por sua vez, organizam-se num *continuum* objetividade-subjetividade.

Considerações finais

Nosso estudo confirmou que *na verdade* e *de fato* pertencem à categoria funcional de *modalizadores epistêmicos*, sendo construções instanciadas pelo subesquema adverbial [Prep + SN], e que essas construções se desenvolvem em subtipos discursivo-pragmáticos. Isso nos alinha aos estudos de Gonçalves; Moraes Pinto (2020), que se debruçaram sobre as construções *com certeza* e *sem dúvida*, sugerindo que essas têm processos similares de especialização de sentidos em seus usos modalizadores.

Pudemos conferir que a denotação de factualidade/veracidade de seus núcleos lexicais influencia a modalização epistêmica veiculada pelas construções. Ambas apresentam *continua* de subtipos discursivo-pragmáticos, isto é, sentidos novos expressos a partir de sentidos mais prototípicos, que variam em graus de objetividade-subjetividade. Dentre os usos mais objetivos, temos, em *na verdade*, corroboração e oposição, e em *de fato* confirmação e constatação, pois ancoram-se em dados factuais para validar o discurso. Dentre os usos mais subjetivos, temos adição e retificação, nos usos de *na verdade*, e ênfase e concordância nos usos de *de fato*, pois ressaltam a postura do falante/escrevente acerca das informações articuladas no discurso.

A identificação dos subtipos sugere que ambas as construções compartilham um comportamento típico de modalizadores epistêmicos altamente utilizados na língua, como *com certeza* (cf. Gonçalves; Moraes Pinto, 2022), que é o de desenvolver uma ampla gama de especializações discursivo-pragmáticas. A essa propriedade denominamos amplitude discursivo-pragmática, entendida como a capacidade de uma construção de veicular diferentes tipos de alinhamento entre perspectivas e proposições, desde formas mais objetivas (oposição, constatação) até formas mais subjetivas (retificação, ênfase). Identificamos também que essa amplitude estabelece relações de argumentatividade no discurso e na interação. Ao se utilizar a construção *na verdade* para retificar, argumenta-se, mesmo “sem querer”, contra o discurso anterior. E ao se utilizar a construção *de fato* para constatar, argumenta-se, geralmente, a favor dele, mesmo que o objetivo seja antecipar alguma discordância.

Com o exposto, cumprimos os objetivos de 1) identificar e descrever os subtipos discursivo-pragmáticos de *na verdade* e *de fato* na sincronia atual, sendo eles, respectivamente, *retificação*, *oposição*, *corroboração*, *adição*; *constatação*, *ênfase*,

concordância, confirmação; 2) identificar os *continua* que se estabelecem a partir dessas categorizações de sentido, conforme a figura 1; e 3) investigar as relações entre as duas construções na rede linguística, conforme a figura 2, que desvela as complexas relações entre os tipos de adverbiais licenciados pelo esquema [Prep + SN]_{Adv} em termos de forma e de semântica. Ademais, confirmamos as hipóteses de que a semelhança semântica entre os núcleos lexicais (*verdade* e *fato*) resultaria na semelhança funcional entre os comportamentos das construções que eles integram, por ambas as construções veicularem valores epistêmicos e atuarem sobre porções maiores do discurso; e de que as construções apresentam extensões de sentido similares, configurando o que chamamos de amplitude discursivo-pragmática.

Referências

- AMARO, C. A. F. **A habilidade de distinção entre fato e opinião: abordagem direcionada ao ensino-aprendizagem**. 2018. [249 f.]. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2018.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CALDAS BARBOSA, C. M. **Estudo diacrônico de ‘na verdade’ sob perspectiva baseada no uso**. 2025. [77 f.]. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras: Português e Inglês) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.
- CASTANHEIRA, D. **Uso de adverbiais modalizadores e sua abordagem em livros didáticos de ensino médio: reflexões e propostas de atividades**. 2017. [119 f.]. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- CASTANHEIRA, D; CEZARIO, M. M. C. Subjetividade no uso de adverbiais modalizadores em artigos de opinião. **Revista Odisseia**, [S. l.], v. 2, p. 164 – 184, 2017.
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CASTILHO, A.; ILARI, R.; MOURA NEVES, M. H.; BASSO, R. M. O advérbio. In: ILARI, R. (org.) **Gramática do português culto falado no Brasil: palavras de classe aberta**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 267-344.

CEZARIO, M. M; SAMPAIO, K. A contribuição do modelo da construcionalização e mudanças construcionais: reflexões em Português. **SOLETRAS**, Rio de Janeiro, n. 37, p. 133-153, 2019.

DIESSEL, H. **The grammar network**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

DIESSEL, H. **The constructicon: Taxonomies and networks**. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

FÁVERO, L. L. Linguística textual: memória e representação. *Filologia e Linguística Portuguesa*, **Filologia e Linguística Portuguesa**. São Paulo, v. 14, n. 2, p. 225-233, 2012.

FURTADO DA CUNHA, M. A; CEZARIO, M. M. Conhecimento, criatividade e produtividade sob a perspectiva da linguística funcional centrada no uso. **Alfa: Revista de Linguística**, São José do Rio Preto, v. 67, p. 1-27, 2023.

GIVÓN, T. The pragmatics of referentiality. In: **Georgetown University Round Table on Language and Linguistics**, 1984. Washington: Georgetown University Press, 1984.

GONÇALVES, E. M; MORAES PINTO, D. C. Análise dos Usos de “Com Certeza” na Diacronia. In: CEZARIO, M. M; ALONSO, K.S; CASTANHEIRA, D. (org.). **Linguística baseada no uso: explorando métodos, construindo caminhos**. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2020.

GONÇALVES, E. M; MORAES PINTO, D. C. Usos De Com Certeza Entre Os Séculos XV E XX. **PERcursos Linguísticos**, v. 12, n. 30, p. 172-191, 2022.

HILPERT, M. **Construction grammar and its application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HOFFMANN, T. **Construction grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I. G. V; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTELOTTA, M. E. Funções da linguagem. In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2012.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

MARQUES, P. M; MORAES PINTO, D. C. Gramática como rede: relações entre construções. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 128-138, 2016.

MELO, R. M; BARBOSA, J. C. K. O item onde e suas rotas de mudança: uma abordagem à luz da teoria da gramaticalização. In: II Congresso Brasileiro sobre Letramentos e Dificuldades de Aprendizagem (CONBRALE), 2018, Campina Grande. **Anais II CONBRALE**. Campina Grande: Realize, 2018. v. 1. p. 1-10.

MORAES PINTO, D. C; CASTANHEIRA, D. Adverbiais modalizadores. IN: CEZARIO, M. M. C; MARQUES, P. M; CASTANHEIRA, D. (Orgs.). **Pesquisas Funcionalistas e Aplicações ao Ensino Superior**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

MORAES PINTO, D. C; GONÇALVES, E. M. Um olhar sobre as construções adverbiais qualitativas e modalizadoras nos séculos XIX e XX. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 36-52, 2019.

OLIVEIRA, D. L; ALONSO, K. S. B. **Conhecimento em rede: laços e entrelaços da língua em uso**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

PAULO, A. S. O. **Usos modalizadores de “de fato” na diacronia: uma análise funcional baseada no uso**. 2025. [69 f.]. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras: Português e Literaturas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

SCHWENTER, S. A; TRAUGOTT, E. C. Invoking scalarity: The development of in fact. **Journal of historical pragmatics**, Amsterdam, v. 1, n. 1, p. 7-25, 2000.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization. In: JUCKER, Andreas H; TAAVITSAINEN, Irma (Eds.). **Historical pragmatics**. Berlin: de Gruyter, 2010. p. 97-126.

VERHAGEN, A. **Constructions of intersubjectivity: Discourse, syntax, and cognition**. New York: Oxford University Press, 2005.

Sobre os autores

Alex Sandro Oliveira de Paulo

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-7221-8300>

Licenciado em Letras (Português e Literaturas) pela UFRJ (2026) e membro do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (D&G/UFRJ). Mestrando do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ (PPGLIN/UFRJ), e bolsista CNPq. Integra a Comissão de Autoavaliação e a Comissão de Eventos do PPGLIN/UFRJ.

Caio Matheus Caldas Barbosa

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-5941-1603>

Licenciado em Letras (Português e Inglês) pela UFRJ (2026) e membro do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (D&G/UFRJ). Mestrando do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ (PPGLIN/UFRJ). Foi colaborador e orientador do projeto “Cursos de Línguas Abertas à Comunidade (CLAC-UFRJ)”, com foco no ensino de língua inglesa.

Deise Cristina de Moraes PintoOrcid: <https://orcid.org/0000-0002-5781-4852>

Mestre e Doutora em Linguística pela UFRJ. É Professora Associada I do Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ e Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ.

Integra a equipe do Grupo de Estudos Discurso & Gramática. É membro do GT Descrição do Português, da ANPOLL, e associada à ABRALIN. Tem experiência na área de Teoria e Análise Linguística e Linguística Histórica.